

O APOCALÍPSE À LUZ DO TEMPLO

Leszek Lech*

BEN-DANIEL, John, BEN-DANIEL, Gloria. *The Apocalypse in the Light of the Temple: A New Approach to the Book of Revelation*. Jerusalem: Beit Yochanan, 2003. ISBN 965-555-134-2.

O Livro e Nossa Resenha

Esta resenha procura apresentar as pesquisas e interpretações dos autores do livro e elementos básicos da crítica nossa. O livro “O Apocalipse à Luz do Templo” foi publicado em 2003, aparentemente por um casal, John Ben-Daniel e Gloria Ben-Daniel. Na internet e em outros meios de comunicação, o nome da instituição de Jerusalém onde foi editado é “Beit Yochanan”, “Casa de João”. Os pensamentos dos Ben-Daniel tem afinidade com alguns dos textos publicados no *site* deste Beit HaDerech (www.webbpage.topcities.com) e estes parecem estar em sintonia com pensamentos de certos grupos de judeus cristãos que se entendem como judeus messiânicos.

O Conteúdo do Livro e Sua Introdução

Além de prefácio, introdução, apêndice, bibliografia, índice de citações e índice analítico, o livro é dividido em três partes principais:

Parte 1	A liturgia Celestial
Parte 2	O papel de profeta e profecia
Parte 3	O cumprimento do mistério de Deus.

Na introdução (3-14), os autores avisam que sua pesquisa e interpretação estão baseadas no método tradicional de interpretar a Escritura pela Escritura. Sua hipótese geral é que os temas do templo e da liturgia templar são fortes chaves para

* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo na área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico. Pesquisador CNPq e integrante do projeto *Oracula: Grupo de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã*, apoiado pela FAPESP na qualidade de Projeto Regular.

compreender a teologia do Ap, que o templo é o “princípio organizador de todo o livro do Apocalipse”. Esta hipótese está baseada nas seguintes observações:

1. Objetos religiosos do templo são lembrados ou aludidos freqüentemente;
2. Elementos do templo são vistos também nas visões de Deus e da sala de trono celestial (cap.4-5).

Por causa desta importância do tema do templo, eles oferecem ainda na introdução um resumo de referências veterotestamentárias ao Primeiro e Segundo Templos. Além disso, lembram que, desde a destruição do Segundo Templo pelos romanos em 70 d.C., seu local tem causado conflitos que perduram até hoje e são objeto de negociações entre “a Autoridade Palestina (predominantemente) Muçulmana e o Estado Judeu de Israel”, ao passo que a comunidade Judaica Ortodoxa jamais abandonara a esperança de voltar a Jerusalém e reconstruir o templo em seu local original.

Os autores descrevem a arquitetura do templo, composta principalmente na base de citações do livro do Êxodo e de 1 Reis, e já aqui se nota uma característica que perpassa o livro todo: tais fontes são utilizadas para extrair delas dados de forma direta, sem análise crítica ou contextualização científica das fontes e dos dados. Seguem três plantas: do “Templo Antigo nos dias de Jesus Cristo”, as “Plantas esquemáticas do Templo” do “Templo Antigo em Jerusalém” e do “Templo representado no Apocalipse”. Esta terceira planta já representa a hipótese dos Ben-Daniel: o Santíssimo interpretado como o santuário celeste; o pátio e o “lugar santo” em torno dele interpretados como “parte do Santuário celeste na terra”, sem véu ou cortina; e o pátio externo interpretado como “pátio fora do Santuário”.

1.1 Conteúdo da Parte 1: A Liturgia Celestial

A preocupação central desta parte é encontrar e definir no Apocalipse elementos e atividades que pertencem à liturgia templar e apresentar os dados conhecidos desta liturgia. Isso é feito em oito capítulos e a discussão do capítulo 9 estabelece a relação entre estes elementos e versículos do Apocalipse.

O décimo capítulo repete de forma resumida as afirmações centrais dos capítulos anteriores, asseverando à guisa de introdução:

Definindo os elementos da liturgia celestial descritos no Ap e depois os comparando com descrições das atividades litúrgicas do Templo dos Judeus que existiam em Jerusalém, foi mostrado que estes elementos representam a liturgia para o Dia da Expição, na qual Jesus Cristo revela-se a si mesmo, cumprindo tanto o papel do sumo sacerdote como o do sacrifício expiatório. As diferenças e semelhanças mais óbvias que surgem desta comparação foram apresentadas e examinadas. A maioria das diferenças pode ser explicada pela eficácia inexaustível do sacrifício de Jesus Cristo, como expiação de pecados e assim reconciliando os homens com Deus.

Concluindo, os autores afirmam: “a Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo constituem o ponto de partida da liturgia que está constantemente sendo celebrada no céu; esta liturgia continua até o fim dos tempos e representa a síntese da liturgia que foi realizada no Dia da Expição no antigo Templo dos Judeus em Jerusalém”. Sendo a atividade principal do santuário celeste, a liturgia fornece não apenas a moldura que abraça toda a seqüência das visões no Apocalipse; ela determina também o curso dos eventos na terra.

Por isso, a liturgia celestial impõe sua ordem em cada parte do Apocalipse e em todos os ventos ali profetizados, unindo-os em uma visão única e coerente dominada pelo tema da Expição – o amor de Cristo reconciliando a humanidade com Deus. De fato, o Apocalipse nada mais é que o curso desta liturgia de reconciliação que acontece no céu e de suas conseqüências para as vidas das pessoas, crentes e não-crentes, na terra.

Para os autores, os achados nesta parte do estudo têm ressonância em vários aspectos da vida e devoção cristã e eles fazem questão de constatar três deles muito claramente:

1. Para o re-estabelecimento do antigo culto:

No Apocalipse, Jesus Cristo revela-se mais claramente do que em qualquer outro livro do NT como o cumprimento de todo tipo de sacrifício na forma do holocausto perpétuo. Isso demonstra com a maior clareza que o culto sacrificial dos judeus foi cumprido completamente que e agora é obsoleto. “Disso segue que qualquer intenção ou tentativa de reconstruir o Templo e re-estabelecer o culto é oposto à verdade de Deus revelado em Jesus Cristo”.

2. Para a interpretação do Apocalipse:

Primeira implicação: “A liturgia revelada no Apocalipse segue uma ordem cronológica muito precisa. Sendo que os eventos descritos nas visões do Apocalipse são determinados por esta ordem, acontece que estes eventos também seguem uns aos outros numa ordem definida”.

Segunda implicação: “... deriva do fato de que a culminação da liturgia no antigo Templo coincide com sua conclusão e foi sinalizada pelo toque das trombetas e o derramamento da libação. De modo análogo, a liturgia celestial pode ser identificada com sua conclusão que acontece no fim dos tempos e é também sinalizada pelo toque das trombetas e o derramamento das taças de libação (...). A maior parte do Apocalipse é uma profecia daquilo que acontecerá no fim dos tempos – é uma profecia escatológica e deve ser interpretada como tal”.

3. Para a interpretação do “Milênio” (Ap 20,2-6):

Para os autores, a liturgia celestial que começou com a Paixão de Jesus Cristo e dura até o Juízo final, corresponde à liturgia do Dia da Expição, e isso faz com que os mil anos equivalham a um dia (Sl 90,4; 2 Pe 3,8). Por isso, o milênio é um espaço indefinido de tempo a ser identificado com a presente era da salvação. Declarando que esta interpretação está de acordo com os ensinamentos de Agostinho, os autores ampliam a idéia para o descanso sabático, que expressa o caráter do Dia da Expição e do Milênio, e concluem: “Portanto, é, sobretudo, o tema do ‘descanso’ que vincula tanto o Dia da Expição como o Milênio com o Sábado. O fato de que os santos trabalham em prol da salvação na terra e desfrutam do seu descanso no céu orienta a interpretação autêntica do descanso milenar e Cristo com seus santos. O Milênio não consiste no desfrutar de prazeres sensuais nem na ausência do mal no mundo, mas na participação dos fiéis na vocação e missão da comunidade Cristã”.

1.2 Crítica da Parte 1

É extremamente difícil apresentar em poucas linhas uma crítica razoavelmente justa de um trabalho tão extenso e sofisticado em suas linhas de argumentação e sua construção de hipóteses. Já as numerosas citações e referências nas notas de rodapé são uma mina de ouro que requer um aprofundamento criterioso dos conceitos aludidos. Mesmo assim, ousamos apontar aqui algumas dificuldades encontradas numa primeira leitura e que podem ser sujeitas a modificações na medida em que teremos oportunidade de verificar melhor as implicações das interpretações e hipóteses:

1. Os autores preveniram de que levantariam dados nos capítulos 1-8 e que os discutiriam no capítulo 9. No entanto, parece-nos que a maioria das 2-3 páginas dedicadas a cada item já está voltada para a aplicação dos dados levantados ao Apocalipse, ou seja, já apresenta as hipóteses dos autores sem revelar suficientemente o caminho percorrido para chegar até elas.
2. No próprio levantamento dos dados os autores misturam as fontes, mencionando as referências em breves apresentações e sem nenhuma análise crítica de seu gênero literário, seu lugar histórico, âmbito das correntes teológicas, etc. Isso torna difícil uma aplicação destes dados ao texto do Apocalipse, pelo menos dentro do quadro de uma análise científica dos assuntos.
3. Embora os autores afirmem na conclusão desta primeira parte que “definiram os elementos da liturgia celestial descritos no Apocalipse e depois os compararam com descrições das atividades litúrgicas do Templo dos judeus que existia em Jerusalém”, parece-nos que aconteceu o contrário: levantaram elementos de liturgias por eles reconstruídas que seriam do Dia da Expição na época do Segundo Templo e depois selecionaram fragmentos, versículos ou termos do Apocalipse que podem ser colocados em relação com esta liturgia hipotética. Ao que nos parece esta é, por enquanto, a maior problemática metodológica do conceito sobre o qual se baseia a análise: ela não começa por uma análise sistemática do texto do Apocalipse e, assim, exclui ou desconsidera deliberadamente elementos centrais que não podem ser reconciliados com o conceito preconcebido da ordem litúrgica tomada como modelo.
4. De modo semelhante, o capítulo 6 apresenta uma corrente de hipóteses construídas sobre hipóteses anteriores: o Filho do Homem se parece com o Sumo Sacerdote, logo o Cordeiro diante do trono se parece com o Sumo Sacerdote que entra no Santíssimo em uma só ocasião, a saber, no Dia da Expição. Logo a liturgia celestial do Apocalipse é construída segundo o esquema litúrgico do Dia da Expição. Ao que conseguimos verificar, este é o argumento principal para identificar a liturgia do Dia da Expição como conceito-chave de todo o Apocalipse de João. Além de nos parecer uma base muito frágil para a construção de uma hipótese tão abrangente, a comparação dos detalhes que deveria confirmá-la mostra tantas não-correspondências ou

correspondências construídas forçadamente que não conseguimos nos convencer da pertinência desta hipótese.

5. Finalmente, muitas comparações e paralelos apresentados na chamada “Discussão” do capítulo 9 não foram preparados nos levantamentos dos capítulos anteriores. Muitas delas nos parecem geniais, mas muito pouco fundamentadas em pesquisas que obedecem a critérios acadêmicos.

2. Conteúdo da Parte 2: O Papel do Profeta e da Profecia

Novamente em nove capítulos, esta parte enfoca o papel de João, o profeta, os mandamentos de profetizar e o local da profecia.

Os capítulos apresentam a teoria dos autores sobre o papel do profeta (João) e ad profecia no Apocalipse e no Dia da Expição. O “Pequeno Rolo” que o profeta João engole, suas atividades de medir o templo, a pregação e o martírio das duas testemunhas são interpretados como reflexos da regra de fé na comunidade: “sendo que a ordem de medir o Templo é uma outra maneira de expressar a ordem de profetizar, espera-se encontrar a profecia que foi dada ao autor para ser profetizada no texto que segue imediatamente”. Esta regra de fé separa pessoas não-crentes da comunidade e determina seu destino no Juízo. A igreja deve “profetizar” e, assim, separar as pessoas verdadeiramente crentes das pessoas sem fé. Estas, jogadas para fora, assumirão seu lugar com os de fora e irão “pisotear o lugar santo” por um breve tempo. Os profetas e testemunhas falarão até serem mortos, mas serão vingados pela salvação de Deus no Fim do Mundo. O centro do Apocalipse são os 1.260 dias e 42 meses, durante os quais os gentios pisoteiam o Santo Templo: “Embora a ação de medir o novo Templo tenha seu efeito desde o momento em que São João recebe a nova profecia, existem certos indícios no texto do Apocalipse de que é uma referência específica a um período definido no fim da história”. Estas referências são, na opinião dos autores, as repetições do símbolo dos 1.260 dias e 42 meses que eles compreendem como dois períodos consecutivos, portanto, um total de sete anos. Eles apresentam uma exaustiva explicação da profecia das “70 semanas” de Daniel 9,24-27, alegando que a segunda metade desta semana de anos e seus eventos principais são refletidos no período dos 42 meses escritos no Apocalipse de João.

Passando disso para a conclusão, apresentam um resumo das hipóteses elaboradas: “Depois de engolir o Pequeno Rolo, o autor do Apocalipse estava preparado para

profetizar sobre muitos povos, nações, línguas e reinos (Ap 10,11). Para este fim foi dado a São João uma vara de medida e a ordem de medir os elementos que constituem o pátio interno do Templo que está em processo de construção. Esta ordem é comunicada de uma maneira que expressa o objetivo e o significado espiritual desta renovação de sua atividade profética. A vara de medida é identificada com a profecia que segue no texto, o ato de medir significa os testemunhos de sua profecia e o Templo que está em processo de construção representa a Igreja, feita de pessoas de todos os lugares e tempos que foram reconciliadas por Deus através de Jesus Cristo. Esta profecia forma a mensagem central do Apocalipse e se refere especialmente a acontecimentos nos últimos sete anos da história, antes da segunda vinda do Senhor”.

3. Conteúdo da Parte 3: O Cumprimento do Mistério de Deus

Os 12 capítulos desta parte tratam do conteúdo da profecia introduzida na Parte 2, o tema principal do Apocalipse: o cumprimento do mistério de Deus na “completação” do Novo Templo, que é o clímax da liturgia celestial. As duas testemunhas anunciaram a realização da expiação, mas o mistério cumpre-se através da guerra messiânica. Durante o reinado satânico da besta (um reinado pseudomessiânico), as comunidades cristãs esperam pela redenção. Ao longo desta espera, Deus as prepara para a expiação através da morte e ressurreição de Jesus. O Fim do Mundo traz o julgamento para os malvados e a salvação para as pessoas eleitas. Estas são casadas com Cristo e participam do novo reino, da festa e do novo Templo. Para o leitor, a ênfase recai sobre ser reconciliado com Deus durante a liturgia da Expiação (o tempo “da Igreja”), ao invés de esperar para enfrentar a sua ira.

Nas conclusões desta parte os autores afirmam: “Comparando as atividades litúrgicas instituídas por Moisés a praticadas no antigo Templo de Jerusalém com características análogas descritas nas visões do Apocalipse, é possível discernir na sua profecia um esboço de todo um projeto para a salvação da humanidade. Este pode ser resumido como segue: no Santuário celeste é celebrada uma liturgia para a reconciliação dos homens com Deus. Aqueles que são reconciliados enquanto a liturgia está acontecendo se tornam representantes do novo Templo que está sendo construído na terra, cujo Santuário é o Santuário celeste”.

“Apesar da profusão de símbolos e imagens no Apocalipse, todos provindos do Antigo Testamento e de outras tradições religiosas dos judeus, a elucidação do tema do Templo tem um valor único porque abraça e une todas as outras imagens dentro de

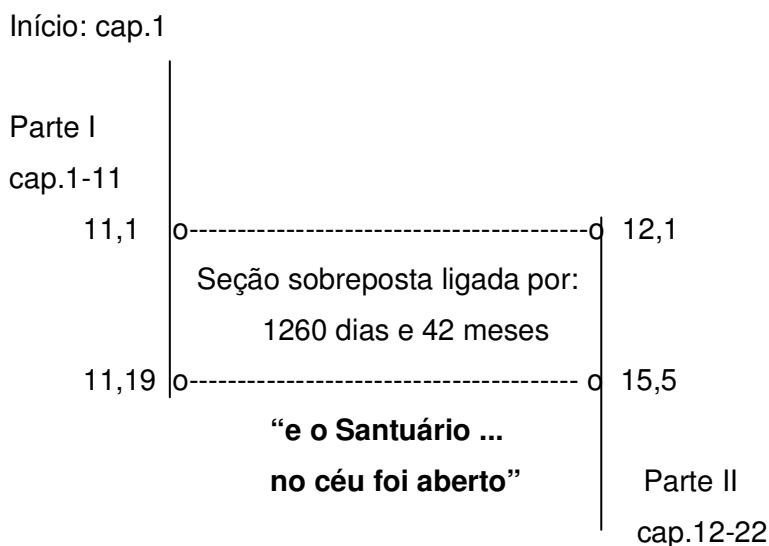
uma visão singular e coerente e que está centrada no Santuário, ou novo Templo, de Deus. Portanto, interpretar o Apocalipse ‘à luz do Templo’ fornece um caminho para compreender o texto em sua integridade e não apenas como a soma de suas partes”.

Dado o fato de que muitas interpretações dos autores têm um caráter muito imediato, eles mesmos refutam qualquer suspeita e interpretação fundamentalista. Eles chamam suas interpretações de “literais” e alegam que não são fundamentalistas, pois segundo o documento “A Interpretação da Bíblia na Igreja I,F”, da Pontifícia Comissão Bíblica, uma interpretação fundamentalista “apresenta-se como uma interpretação privada que não reconhece que a Igreja é fundada sobre a Bíblia e tira sua vida e inspiração das Escrituras”. Isso certamente não é o caso dos autores, que citam em seguida ainda outros trechos de documentos da Igreja Católica Romana; este cuidado ameniza nossas dúvidas sobre sua ortodoxia, provocadas pela sua afirmação de que a Babilônia, a Grande Prostituta, deve ser identificada com o “centro administrativo da Igreja Católica em Roma, quer dizer, com a Cidade do Vaticano”.

4. Apêndice

No apêndice os autores oferecem propostas de uma linha interpretativa básica e uma estrutura literária do Apocalipse, explicando as suas implicações para a interpretação do texto.

Num gráfico os Ben-Daniel apresentam sua própria visão através da interpretação de uma destas “interrupções”. A interrupção de 12,1-15,4, sendo o início da “Parte 2” do Apocalipse, contém ligações verbais e temáticas com o fim da “Parte 1”, a saber: o uso de duas expressões acerca do tempo, 1.260 dias e 42 meses em 12,6 e 13,5, que retoma os mesmos termos em 11,2-3. Disso os autores tiram a conclusão de que exista uma sobreposição entre o fim da Parte 1 e o início da Parte 2, que pode ser representada graficamente da seguinte maneira:



Os autores utilizam esta interpretação (a existência de uma sobreposição), sobretudo a sua posição no centro do livro, para decodificar a secção 11,1-15,4 onde o profeta, entre outras coisas, é encarregado a medir o templo, afirmando: “a parte da profecia identificada com a seção sobreposta (Ap 11,1-15,4) pode ser chamada a ‘profecia central’ por causa de sua posição central no texto do Apocalipse ou ‘a profecia sobre a completção do novo Templo’ por causa de seu significado. Sendo que o novo Templo representa a Igreja (Ef 2,19-22; 1 Pe 2,4-10; Hb 12,22-24; Ap 3,12), podemos deduzir que as seções sobrepostas contêm a profecia para o aperfeiçoamento da Igreja e a completção de sua missão histórica”.

Por último, tratando da importância central e interpretação dadas aos 1.260 dias e 42 meses, eles chegam ao que nos parece um aspecto central da finalidade de todo o livro: “Em resumo, as seções sobrepostas representam uma profecia sobre o aperfeiçoamento da Igreja durante os últimos sete anos da história que serão anunciados publicamente por duas testemunhas durante a primeira metade deste período. Não é nenhuma surpresa que esta informação repleta de uma abundância de detalhes forme a mensagem central do Apocalipse.” Alegando outras ligações verbais da “profecia central” com outras partes o Apocalipse, os autores apresentam como último item de seu livro uma estrutura do Apocalipse construída em torno desta hipótese.

Nossa Avaliação Final

Entre as muitas dúvidas e discórdias que o conteúdo do apêndice nos provocou, queremos destacar apenas uma: toda a hipótese central e final do livro, sobre o que acontecerá com a Igreja Católica nos últimos sete anos antes do Fim do Mundo, parece ser baseada sobre a repetição de dois termos: 1.260 dias e 42 meses. Repetições como estas abundam de tal maneira em todo o Apocalipse de João que não nos parece feliz, em termos metodológico-científicos, selecioná-las (sem que fiquem claros os critérios desta seleção) para fundamentar sobre elas verdades divinas de um alcance tão amplo e severo.

Como na maioria das argumentações do livro, o procedimento aqui nos dá a impressão de estar marcado por duas características que prejudicam sua consulta em pesquisas acadêmicas: os autores constroem suas hipóteses através de argumentações baseadas sobre estas próprias hipóteses pré-concebidas e procedem metodologicamente de uma maneira a-crítica, mais própria de argumentações fundamentalistas do que científicas.

Mantendo atenção acerca destes dois aspectos, o livro certamente pode ser usado com grande proveito com relação a informações sobre aspectos da cultura e religião judaica, especialmente no âmbito do culto na época do Segundo Templo.